

## Entre o indivíduo, o espírito de época e o analista: há um *trickster* entre nós

Ricardo Gessner<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende realizar uma reflexão sobre o papel do analista no processo terapêutico, tendo como pano de fundo o espírito de época na qual tanto o analista quanto o analisando se inserem. Nesse ínterim, será discutido o conceito de espírito de época, assim como o arquétipo do Trickster, segundo a perspectiva da psicologia analítica de Carl Gustav Jung.

### Da circunstância ao espírito de época

Há uma frase antológica de Ortega y Gasset que diz: “Eu sou eu e minhas circunstâncias” (2019, p. 16). Significa, de modo geral, que cada indivíduo contém suas características próprias – individuais – que, por sua vez, refletem e refratam sua circunstância, o ambiente (num sentido *latu sensu*, pensando-se no aspecto social) ao qual se encontra e é formado. A *relação* entre *eu* e *circunstância*, portanto, é dialética e formadora, visto que o indivíduo se constitui através do ambiente e, nesse processo, também age sobre ele, modificando-o.

No entanto, chama-se a atenção para o termo *relação*, que está entre o *eu* e a *circunstância*. Afirmou-se acima que é uma relação dialética, contudo, não se restringe a isso. Não se trata de uma dialética mecânica, constituída numa relação determinista de causas e efeitos. Devemos considerar que, quando se fala em *circunstância*, estamos considerando uma extensa gama de fatores sociais, que incluem família, escola, trabalho, espaço urbano, país, contexto histórico, relações interpessoais, entre outros fatores. A maneira como esses fatores irão impactar um indivíduo varia conforme o fator considerado, assim como as características próprias da pessoa no que abrange sua constituição fisiológica e/ou psicológica.

Além disso, o modo como a *circunstância* atinge a individualidade também pode variar, visto que aspectos podem ser mais refratários para uns, nem tanto para outros. Quando o indivíduo não tem consciência do que ocorre a sua volta, também não tem consciência do que ocorre dentro de si, adquirindo uma conduta massificada, que é

---

<sup>1</sup> Doutor em Teoria e História Literária (Unicamp); Especialista em Psicologia Analítica (Instituto Freedom); Analista em formação pelo Centro de Estudos Junguianos Analistas Associados.

definida principalmente pelo que a ideologia predominante da circunstância oferta. Ou seja, a pessoa, na verdade, não se torna um indivíduo: não se individualiza dessa “massa circunstancial”. A partir daí (guardando-se o simplismo como a discussão foi colocada) encontramos a origem de muitas psicopatologias: pessoas que não têm consciência da vida que levam, possuem um sentimento de desorientação, inadaptação, entre outras formas de neuroses e psicoses.

(...) a simples reflexão sobre a razão por que certas situações de vida ou certas experiências são patogênicas, nos faz descobrir que a *maneira de ver as coisas* muitas vezes tem um papel decisivo. Certas coisas parecem perigosas, impossíveis, ou nocivas simplesmente porque existem maneiras de vê-las por esse prisma. (...) Mas essas ideias existem e suas causas encontram-se e certos pressupostos espirituais, por exemplo, na denominada *mentalidade da época* (*Zeitgeist*), ou em certas concepções religiosas ou irreligiosas. Assim que a análise da situação psíquica de um paciente atinge o campo dos seus pressupostos espirituais, entra-se também no domínio das ideias gerais. (JUNG, OC VOL 16/1, § 22, 2022).

O que para Ortega y Gasset é a *circunstância*, para Jung é a *mentalidade da época* ou também *espírito de época*<sup>2</sup>, e Jung também foi um pensador sobre o espírito de seu tempo<sup>3</sup>. Afinal, conhecer a mentalidade de sua época, refletir sobre suas dinâmicas e valores, serve como orientação na vida com o paciente durante o processo terapêutico. Retomando a frase de Ortega y Gasset: “Eu sou eu e minhas circunstâncias”, o que em termo junguianos se traduz na inseparabilidade da pessoa com o espírito de seu tempo.

Dessa forma, voltemos à *relação* entre o *indivíduo* e o *espírito de sua época*: conforme dito acima, a mentalidade de uma época pode afetar a pessoa de modo a, por exemplo, unilateralizar seu psiquismo:

(...) quantas vezes os preconceitos gerais herdados, por um lado, e a desorientação na moral e na visão do mundo, por outro, são as causas mais profundas de graves distúrbios do equilíbrio psíquico, sobretudo na nossa época de transformação revolucionária (JUNG, OC VOL 16/1 § 22, 2022)

Com isso, é tarefa do terapeuta orientar seu paciente no sentido de sua (do paciente) adaptabilidade ao contexto. É necessário torná-lo consciente a respeito de sua

---

<sup>2</sup> É importante matizar o termo *espírito* dentro da teoria junguiana, que, de modo geral, está associada a *fator psíquico*. Não se restringe, portanto, a noções religiosas, como o senso comum associa ao espiritismo, por exemplo. Desse modo, ao falar sobre *espírito de época*, estamos falando de fatores psíquicos que predominam em um determinado recorte sócio-histórico.

<sup>3</sup> Nesse sentido, ver os quatro tomos que compõem o Volume 10 de sua obra completa.

unilateralização, elaborá-la e, assim, torná-lo adaptado<sup>4</sup> ao convívio da época a que pertence. “A única coisa que o médico pode oferecer a paciente desse tipo é a possibilidade de uma evolução espiritual individual.” (JUNG, OC VOL 16/1, § 22, 2022). Ou seja, dentro da dinâmica terapêutica junguiana, o objetivo maior não é a felicidade ou o bem plenos de uma pessoa, mas a sua integridade: tornar a pessoa íntegra, consciente de si mesma (processo conhecido como *individuação*) e aprimorada.

Para isso, a teoria junguiana oferece diversos instrumentais que auxiliam o terapeuta no trato com o seu paciente. Seja através da elaboração de uma visão de mundo, da associação simbólica com narrativas mitológicas, interpretação simbólica de sonhos, lapsos de linguagem, entre outros, o caminho terapêutico será trilhado pelo paciente, cabendo ao analista o lugar de orientação. Ressalte-se a importância da preparação do terapeuta, que também deve “(...) ampliar consideravelmente seus conhecimentos na área das ciências do espírito, se quiser estar mais ou menos a par do simbolismo dos conteúdos psíquicos” (JUNG, OC VOL 16/1, § 22, 2022).

Um desses instrumentais é o conhecimento sobre os *tipos psicológicos*. É uma teoria importante, pois está centralizada no conhecimento das atitudes e funções que predominam no indivíduo e, assim, está pressuposta em com outras formas de abordagem, permitindo que o processo terapêutico se amplie. Os *tipos psicológicos* é uma estrutura quádrupla de funções opostas e complementares (pensamento/sentimento; sensação/intuição), associadas a duas atitudes também opostas e complementares: extroversão e introversão<sup>5</sup>. Quando uma função e uma atitude predomina, significa que estão associadas ao consciente e, automaticamente, a função e a atitude oposta, chamadas inferiores, estão associadas ao inconsciente. No entremeio das predominantes e inferiores estão as complementares, que têm uma carga consciente, mas pode variar em seu desenvolvimento (ou seja, pode ser mais predominante ou mais inferior).

Conhecer e trabalhar os *tipos psicológicos*, a despeito de sua utilidade e riqueza, é uma tarefa árdua e até ingrata. Todo esse processo de funções e atitudes oferece um dinamismo que, não raro, escapa da atenção do analista ou paciente, podendo variar

---

<sup>4</sup> A despeito das traduções utilizarem o verbo “adaptar” para indicar a relação sadia entre indivíduo e espírito de época na teoria junguiana, ao considerarmos o histórico da língua portuguesa e o alcance semântico do termo, o verbo também possui conotações pejorativas, indicando, ironicamente, a alienação de uma pessoa em relação ao ambiente social (isto é, ela age conforme um grupo de pessoas quer que ela aja, por isso estaria “adaptada”), ou, ainda, indicando um sentido estritamente biológico, conforme postula o darwinismo a respeito da evolução das espécies. Para evitar esse emaranhado semântico, preferimos utilizar o termo “aprimorar”, que abrange a noção de mudança associada ao aperfeiçoamento.

<sup>5</sup> Sobre o tema, ver *Tipos psicológicos* (OC VOL 06, Carl Gustav Jung); *Tipos de personalidade*, Daryl Sharp; *Psicoterapia*, Marie-Louise von Franz.

conforme a situação. Marie-Louise von Franz (2021) enumera algumas dessas dificuldades, que perpassam desde a etiologia do tipo, até as causas que geram variação nas atitudes e funções do indivíduo (tédio, contexto social, faixa etária). No entanto, para mapear a organização tipológica do indivíduo, é crucial reconhecer qual é a sua função inferior.

De maneira prática, quando queremos definir o tipo de alguém, é mais útil perguntar qual é o maior aborrecimento da pessoa, onde está seu maior sofrimento, onde ela sente que sempre está se deparando contra obstáculos e sofrendo terrivelmente. Isso geralmente aponta para a função inferior (VON FRANZ, 2021, pp. 51-2)

Conhecer a função inferior é um caminho possível para se chegar ao inconsciente: “(...) a função inferior está sempre voltada para o inconsciente e o mundo simbólico (...)” VON FRANZ, 2021, p. 39). Ao descobrir que um indivíduo tem como atitude predominante a *introversão*, o analista pode considerar quais contextos e situações geram essa característica no indivíduo para trabalhá-las no processo terapêutico, assim como reconhecer quais situações e contextos a mesma pessoa pode apresentar um comportamento *extrovertido* e também trabalhá-las no processo terapêutico. O mesmo se aplica às funções. Portanto, mesmo que não seja recomendado enquadrar um indivíduo em etiquetas classificatórias, a teoria dos *tipos psicológicos* funciona como uma bússola no processo terapêutico, é uma maneira de se orientar, proporcionando ao analista certo direcionamento a respeito das condutas psíquicas de seu analisando.

Ademais a aplicabilidade no *setting* terapêutico, podemos ousar uma ampliação da teoria dos *tipos psicológicos* aplicando-a ao contexto social e, talvez, pensar em *tipos culturais*, assim como sutilmente sugerido por Jung: “Assim como os indivíduos isoladamente, também os povos e as épocas têm suas atitudes ou tendências espirituais características. A própria palavra *atitude* já revela a unilateralidade necessária que acompanha cada tendência determinada”. (JUNG, OC VOL XV, § 131, 2013). Ou seja, culturas que são predominantemente mais extrovertidas do que introvertidas, assim como suas funções mais predominantes e inferiores. Seria um trabalho de análise social pela perspectiva psicologia junguiana, o que poderia auxiliar o analista a conhecer melhor a cultura em que vive, assim como a de seu analisando. Ao tornar consciente certas dinâmicas sociais, cria-se condições para que valores, costumes, condutas éticas e sociais sejam abordadas com maior serenidade.

Ao estudar os *tipos culturais*, seria necessário abordar algum recorte social, isto é, alguma manifestação cultural representativa, de alguma forma, àquele contexto. A literatura, por exemplo, oferece bons recursos para reconhecer. No Brasil, poderíamos elaborar uma tipologia cultural a partir da figura do malandro<sup>6</sup>, a qual reconhecemos na literatura, por exemplo, no personagem João Grilo, em *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna; *Macunaíma*, de Mario de Andrade; Brás Cubas, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis; “Leonardinho”, em *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida; e até em figuras históricas, a exemplo das lendas e boatos que rondam Gregório de Matos, que lhe renderam o epíteto de “boca do inferno”, assim como sua obra fescenina; e até na *Carta de Pero Vaz de Caminha*, quando fala das “vergonhas dos índios de fora”, mas eles, europeus, “não tinham vergonha nenhuma de olhar”; ou, ainda segundo Capistrano de Abreu, Caminha pretendia pedir ao rei para libertar seu genro da prisão.

Se analisarmos as características que compõem o “malandro literário” dentro da literatura brasileira, veremos que ele varia conforme o tempo, adquirindo roupagens específicas de cada contexto. No entanto, existem qualidades constantes, que se descritas com mais detalhes, podemos identificar um *arquétipo*. De certo, modo o próprio Jung descreveu algo do gênero, ao considerarmos o arquétipo do *trickster*.

### **O trickster, *Memórias de um sargento de milícias* e o “jeitinho brasileiro”**

Como dito acima, o *trickster* é, segundo a psicologia analítica de Jung, um arquétipo:

(...) uma estrutura psíquica arquetípica antiquíssima. Esta, em sua manifestação mais visível, é um *reflexo fiel de uma consciência humana indiferenciada em todos os aspectos*, correspondente a uma psique que, por assim dizer, ainda não deixou o nível animal (Jung, OC VOL 09/1, § 465, 2014)

O *trickster* está associado com um estado psíquico indiferenciado, em que elementos instintivos – o “nível animal” – anda de mãos dadas com elementos não instintivos, mais próximos de uma moralidade social. Noutros termos, conteúdos

---

<sup>6</sup> Seria injusto não mencionar a figura do malandro associada à cultura do samba carioca, conforme popularizada na primeira metade do século XX: o chapéu de palheta, vestimentas brancas e trejeitos esquivos, levando uma vida boêmia. Por uma questão de espaço, o texto ficará restrito aos personagens literários, cabendo a esta menção o reconhecimento da importância desse personagem na formação e consolidação da cultura popular brasileira, assim como a possibilidade de problematizar o significado de “malandro”.

inconscientes e conscientes ainda indiferenciados são transfigurados nessas representações. Isso justifica o caráter paradoxal dessas imagens, representadas em figuras ao mesmo tempo inocentes e bondosas, mas também espertas e nocivas (assim como espertas e bondosas ou inocentes e nocivas). Pode-se dizer que seria análoga a alguém que não conhece as regras morais, deixando esvaír todos seus instintos, ora gerando nocividade, ora gerando chistes (humor), ora gerando gestos caridosos e salvadores. Contudo, essas categorizações provêm de uma perspectiva já diferenciada, moralmente consciente, já que para o *trickster* não haveria diferenças entre uma machadada e uma carícia.

(...) sua tendência às travessuras astutas, em parte divertidas, em parte malignas (veneno!), sua mutabilidade, sua dupla natureza animal-divina, sua vulnerabilidade a todo tipo de tortura e – *las but not least* – sua proximidade da figura de um salvador (...). Os traços “tricksterianos” (...) têm alguma relação com certas figuras folclóricas sobejamente conhecidas nos contos de fada: Dunga, o João Bobo e o Palhaço que são heróis negativos, conseguindo pela estupidez aquilo que outros não conseguiram com a maior habilidade (Jung, OC VOL 09/1, § 456, 2014)

Quando projetamos essa perspectiva na literatura brasileira, identificamos inúmeros personagens e performances poéticas que se aproximam das caracterizações dadas por Jung, conforme elencadas acima. A obra que mais se enquadra nessa perspectiva é *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida. Sendo a obra uma descrição simbólica (literária) da sociedade brasileira do século XIX, as características de *trickster* são identificadas em diversos aspectos, não apenas no protagonista: Leonardinho.

Logo no início do romance, o narrador descreve como os pais de Leonardo se conheceram, e como foi concebido. Estavam os dois em um mesmo navio, saindo de Portugal em direção ao Brasil:

Ao sair do Tejo, estando Maria encostada à borda do navio, o Leonardo fingiu que passava distraído por junto dela, e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, como se já esperasse por aquilo, sorriu-se envergonhada do gracejo e deu-lhe também em ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda. Era isso uma declaração em forma, segundo os usos da terra: levaram o resto do dia em namoro cerrado; ao anoitecer passou-se a mesma cena de pisadela e beliscão, com a diferença de serem dessa vez um pouco mais fortes; no dia seguinte estavam os dois amantes tão extremosos e familiares que pareciam sê-lo de muitos anos (Almeida, 2004, p. 18)

O “pisadela no pé direito” e o “beliscão na mão esquerda” foram suficientes para que Leonardo-Pataca (pai de “Leonardinho”, o protagonista da história) e Maria da Hortaliça, passassem o resto da viagem “em namoro cerrado”. Na cena não houve nenhum tipo de galanteio; o que predomina é o instinto sexual, a atração física, que aparece nas entrelinhas do excerto, cujo resultado foi o nascimento de Leonardo, o primogênito. Leonardinho não é fruto de um amor irrestrito, conforme preconizava os padrões do romantismo brasileiro do século XIX, mas de “uma pisadela e de um beliscão”, conforme seu próprio pai irá lhe declarar alguns anos depois – “És filho de uma pisadela e um beliscão; mereces que um pontapé te acabe a casta” (Almeida, 2014, p. 21) –, quando flagra Maria em adultério (e, novamente, o instinto sexual predominando).

Um personagem que, apesar de secundário, é importante para o desenrolar da narrativa é o “compadre”, barbeiro que morava na frente da casa de Leonardo-Pataca, quando ainda habitava com Maria da Hortaliça. Na função de padrinho, adota Leonardinho quando seus pais rompem, e cria o garoto dentro de suas disponibilidades. Num determinado momento, o narrador relata como, então, o compadre “arranjou-se” barbeiro. Suas primeiras lembranças remontam a um período em que já morava na casa de um barbeiro, que lhe ensinara a ler, escrever, assim como as artes do ofício. Quando tornou-se “rapaz”, passou a praticar - “sofrivelmente”, segundo o narrador – essa ocupação, que, na época, também incluía as “sangrias”.

Sua sorte mudou quando foi convidado por um cliente marujo a acompanhar a embarcação na função de médico (a qual o ofício de “sangrador” era “mais do que suficiente”). Com sorte, “curou” os marujos que adoeceram nesse navio e, assim, angariou a estima dos demais. Na viagem de volta, o capitão do navio adoeceu. O barbeiro, então, fez todos os seus esforços de um “bom médico sangrador”, mas não teve o mesmo sucesso dos casos anteriores. Mesmo assim, estimado pelo capitão, este lhe chamou em particular para passar suas últimas disposições: além de alguns presentes dados ao “médico”, também consistia em entregar uma grande quantia em dinheiro para sua filha, quando desembarcasse ao Rio de Janeiro. Ao aportar, disse que não acompanharia mais a embarcação, e que ficaria em terra.

Quanto às ordens do capitão... histórias; quem é que lhe havia de vir tomar contas disso? Ninguém viu o que se passou; de nada se sabia. Os únicos que podiam ter desconfiado e fazer alguma coisa eram os marinheiros; porém estes partiram em breve de novo para a Costa. O compadre decidiu-se a instituir-se herdeiro do capitão, e assim o fez (Almeida, 2004, p. 40)

Ou seja: o compadre aproveitou-se da oportunidade para ficar com o dinheiro que não lhe pertencia. E, assim, “arranjou-se”.

Foram escolhidos alguns personagens secundários da trama para reforçar o aspecto típico da sociedade que o livro retrata. Não apenas Leonardinho é o malandro que consegue sucesso via traquinagens e relações de interesse, mas todos à sua volta, inclusive o padre e Major Vidigal, que seriam representantes morais e/ou da lei, mas que mantinham seus amores secretos.

Quando o livro se abre com os dizeres “Era no tempo do rei” (Almeida, 2004, p. 17), literalmente o narrador se refere ao período joanino, em que D. João VI, rei de Portugal, veio com a família real ao Brasil, onde permaneceu entre 1808 e 1821. Contudo, *Memórias de um sargento de milícias* retrata mais do que um período histórico de 13 anos, pois aquele “era no tempo do rei” pode se referir simbolicamente ao início de uma fábula, como se fosse um “era uma vez” e, portanto, não há um tempo específico. A história é atemporal. O que se passa no romance é a essência do que é o país e o brasileiro; é um romance típico, em que seus personagens também são tipos e retratam comportamentos, costumes e moralidades igualmente típicos. Segundo José Guilherme Merquior,

O costumismo das *Memórias* alcança sua dimensão mais profunda: capta não só os costumes do Rio antigo, como o espírito, o *ethós* brasileiro. Sob o romance costumista de aventuras aparece um risonho perfil – um pouco ou nada ‘literário’, mas artisticamente realizado – da existência à brasileira (Merquior, 2014, p. 135)

Possuindo um caráter fabular, *Memórias de um sargento de milícias* nos oferece a moral de que para ter sucesso no Brasil é necessária a malandragem, dar um “jeitinho” e driblar as circunstâncias para conseguir o almejado, pois assim são todos os personagens.

(...) Amoralismo complacente, que ridiculariza as convenções sociais para garantir a felicidade – não a ‘felicidade geral da nação’, é claro, mas o bem-estar individualista da família e do seu círculo.” (MERQUIOR, 2014, p. 133)

A arma desse amoralismo é o ‘jeitinho’. A comadre, insigne campeã do ‘jeitinho’, mobiliza dona Maria e a sua ‘chapa’, a Regalada, para demover o Vidigal e salvar Leonardo da chibata e do alistamento compulsório. A cadeia dos pistolões entra em ação: pois ‘já naquele tempo (e dizem que é defeito do nosso) o empenho, o compadresco eram uma mola real de todo o movimento social” (MERQUIOR, 2014, p. 133)

Ao contrário do que vislumbravam nossos primeiros românticos, o *ethós* brasileiro não é o indígena idealizado (e “medievalizado”) nas florestas, lutando e protegendo sua tribos e damas de honra, como se fossem cavaleiros medievais. O primeiro que percebe um pouco da essência do brasileiro é Manuel Antônio de Almeida, que se torna precursor de autores como Machado de Assis, com Brás Cubas; Mário de Andrade, com Macunaíma; ou Oswald de Andrade, com o “Manifesto Antropofágico”, permitindo que se aprofundassem e repensassem nossa identidade.

É nesse “jeitinho” que opera a malandragem do brasileiro e que, por sua vez, aproxima nosso *ethós* do *trickster*. Essa perspectiva aponta para um estudo mais abrangente e aprofundado, incluindo eventos históricos e cotidianos, que foge do escopo deste texto. Por ora, projetarei sincronicamente essa conduta em algumas peças poéticas de nossa literatura.

### **Outro “jeitinho brasileiro”**

Se o “jeitinho brasileiro” é um aspecto importante de nosso *ethós*, não seria um trabalho dificultoso elencar um conjunto de peças literárias que articulam a corrupção, o interesse egoísta, a brincadeira, a malandragem, entre outros aspectos relacionados. Nesse sentido, utilizei como critério de seleção um poeta cuja obra identifica-se o arquétipo do “*trickster* brasileiro”, o “jeitinho”, não como tema, mas como fator estruturante de seus textos: Paulo Leminski (1944 – 1989).

O poeta curitibano ficou conhecido por uma identidade poética singular, em muito promovido pelo seu primeiro *best-seller*, o livro *Caprichos e Relaxos*, de 1983, assim como de suas aparições em diversos meios de comunicação. O título da obra possui um paradoxo que resume esse estilo: condensa elementos aparentemente simplórios (“relaxos”), mas que trazem consigo efeitos de sentido sutis (“caprichos”), mobilizando um amplo e eclético referencial de poetas e tradições, produzindo uma dicção única. Essa característica foi sintetizada num epíteto, bastante utilizado para se referir à poética de Leminski, cunhado por Leyla Perrone-Moisés: “samurai-malandro”<sup>7</sup>.

É uma característica largamente explorada pela fortuna crítica da poesia leminskiana, seja apontando todo o referencial teórico e poético mobilizado pelo autor,

---

<sup>7</sup> O termo foi utilizado na resenha escrita pela autora: “Paulo Leminski, o samurai-malandro”, depois incluída no livro *Inútil Poesia*.

seja comprovando os efeitos “caprichosos” e/ou “relaxados” de sua lírica<sup>8</sup>. Por ora, abordarei um referencial ainda pouco estudado, que são os seus textos ensaísticos e, especificamente, o texto “Poesia no receptor” (2012). Trata-se de um breve relato reflexivo a respeito da necessidade de o leitor, tanto quanto o poeta, serem capazes de vivenciar o poético. No entanto, para apresentar o raciocínio, Leminski lança mão do seguinte argumento:

(...) quase nada do que digo em palestras e colóquios sobre poesia causa tanto impacto quanto a afirmação de que poesia é feita para poetas.

É como se eu dissesse que a medicina é feita para os médicos, não para os doentes. Que a física nuclear só diz respeito aos físicos. Ou que na guerra só devem morrer os soldados (Leminski, 2012, p. 132)

Restringir a apreciação de poesia aos que escrevem versos, além de soar consideravelmente elitista gera outros questionamentos: então para ler boa poesia é necessário ser bom poeta? Se meus versos são medíocres, minha leitura deve se restringir a poetas igualmente triviais? E Leminski continua: “Escândalo, loucura e anátema” (Leminski, 2012, p. 132). A instalação do tumulto é proposital; cria-se uma expectativa de que esteja esnobando. Entretanto, é um recurso retórico para chamar a atenção do público e centralizá-la para si mesmo. Em seguida, rompe-se essas expectativas:

Quando, em minhas palestras, chego nesse ponto, instala-se o tumulto, que deixo desenvolver-se um pouco para valorizar a frase que vem a seguir:

- Um momento. Poeta não é só quem faz poesia. É também quem tem sensibilidade para entender e curtir poesia. Mesmo que nunca tenha arriscado um verso. Quem não tem senso de humor, nunca vai entender a piada. E concludo:

- Tem que ter tanta poesia no receptor quanto no emissor”. Logo, um poeta não se restringe àquele que escreve versos, mas se estende a quem lê (Leminski, 2012, pp. 132-33)

Ou seja: um poeta não se restringe àquele que escreve versos, mas se estende a quem lê. Leminski cria uma recepção hostil para que, em seguida, reverta a

---

<sup>8</sup> Ao leitor interessado, indico as seguintes referências: ALBUQUERQUE FILHO, Dinarte. *Leminski: o samurai malandro*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2009; LEITE, Elizabeth Rocha. *Leminski: o poeta da diferença*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012; MARQUES, Fabrício. *Aço em flor: a poesia de Paulo Leminski*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001; CALIXTO, Fabiano; DICK, André. *A linha que nunca termina: pensando Paulo Leminski*. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004; SANDMANN, Marcelo. *A pau a pedra a fogo a pique: dez estudos sobre a obra de Paulo Leminski*. Curitiba, PR: Imprensa Oficial, 2010; VIEIRA, Fábio. *Oriente ocidente através: a melofanologopaica poesia de Paulo Leminski*. João Pessoa: Ideia, 2010

compreensão: de excluídos da experiência poética, a audiência é igualada ao mesmo nível daquele que fala. Instala-se uma alegria geral compartilhada entre poeta e leitor:

Nesse auge, a multidão prorrompe em aplausos e me carrega em triunfo até o bar mais próximo, onde bebemos à saúde de todos os poetas-produtores e todos os poetas-receptores do mundo. Saúde a vocês que fazem, saúde a vocês que curtem, polos magnéticos por onde passa a faísca da poesia (Leminski, 2012, p. 133)

Contudo, o nivelamento entre poeta e leitor é outro o jogo retórico. A igualdade é celebrada num enlace afetivo, pois todos beberão “em honra às duas espécies de poetas” – produtores e leitores, mas há um detalhe que passa despercebido: é o poeta da “primeira espécie” (o produtor) quem é “carregado em triunfo” pelo público, isto é, pelos “poetas da segunda espécie”. Dessa forma, o discurso igualitarista é irônico – inclusive no modo como são nomeados, entre “primeira” e “segunda” espécies, como se pertencessem qualitativamente a níveis distintos: “superior” e “inferior”, respectivamente –, pois reforça a diferença entre as duas espécies de poetas, mas para valorizar a primeira, a qual pertence. Vê-se um gesto “*trickster*”, que dribla a atenção do grande público, já que o poeta agrada para ser celebrado.

Leminski criou em torno de si essa persona, criando uma relação orgânica entre sua figura pública e sua lírica: une-se o erudito e o malandro. De um lado, identifica-se aspectos eruditos, abarcando referências à alta cultura, de outro, fatores aparentemente despreziosos, brincalhão, irônicos e até performáticos. Exemplo disso é o seguinte poema:

1. o pauloleminski
2. é um cachorro louco
3. que deve ser morto
4. a pau a pedra
5. a fogo a pique
6. senão é bem capaz
7. o filhodaputa
8. de fazer chover
9. em nosso piquenique

(LEMINSKI, 2013, p. 102)

Já no primeiro verso associamos a figura biográfica de Paulo Leminski com o eu-lírico. O resultado é a impressão de que o poeta fala de si mesmo, na terceira pessoa, como se observado sob outra ótica. Dessa forma, qualidades como “cachorro louco”, “filhodaputa”, alguém que “deve ser morto”, representa o olhar de como é visto pelos outros, produzindo um efeito irônico. E os dois versos finais – “é bem capaz / (...) de

fazer chover / em nosso piquenique” – justificaria a atitude hostil em relação ao poeta: ele é um “estraga-prazeres”.

Como afirmei, a perspectiva que Leminski assume ao falar de si mesmo, a voz que “pede” para que ele seja morto, não é de um indivíduo específico. No último verso há uma primeira pessoa do plural no uso do pronome possessivo – “**nosso** piquenique”, simbolizando uma coletividade. O “piquenique”, por sua vez, é uma prática que envolve a vida familiar e todas as regras morais subsequentes. Todos se reúnem e aproveitam o convívio um do outro: fazem as refeições juntos, praticam esportes, brincadeiras. Portanto, “piquenique” representa as convenções sociais aceitas e consideradas normais; representa a moralidade, o bom comportamento, o cumprimento de normas e responsabilidades segundo as expectativas sociais.

Dentro desse quadro, o “paulolemski” aparece como um “cachorro louco”, como alguém que não se enquadra em nenhum padrão, nem convenções ou regras, sendo capaz de estragá-las – de “fazer chover no piquenique”. Assume um caráter *trickster*. Além disso, auto ironia é revertida numa crítica aos padrões sociais, não a quem está fora deles. Leminski fala de si mesmo num primeiro plano, que esconde um segundo, a caricaturização de uma classe moldada pelas normas e convenções morais da sociedade. No final das contas, Leminski ironiza o modo como era visto pela sociedade curitibana da época e, por extensão, ironiza o modo como a moralidade predominante enxerga as “classes populares”.

Toda essa construção é feita através de um poema com linguagem bastante simples, cheia de jogos sonoros. Há uma alternância entre sílabas abertas e fechadas, em conjunto com a aliteração do fonema /p/ entre os versos quatro e cinco: “a **pau** a **pedra** / a **fogo** a **pique**”, por exemplo. Cria-se um ritmo marcante que, associado ao efeito humorístico, compõe um poema agradável aos ouvidos de um leitor comum. No final das contas, Leminski assume a *persona* polêmica, “marginal”, “cachorro louco” e, por extensão, o “*trickster*” poeta, articulando uma forma acessível e agradável a um público amplo.

## **Conclusão**

Este texto enfoca uma parte específica e pequena do arquétipo do “*trickster*”: seu aspecto brincalhão, amoral, e deixa várias pontas soltas e possíveis direcionamentos.

Retomando Jung:

O “*trickster*” é um ser originário “cósmico”, de natureza divino-animal, por um lado, superior ao homem, graças a sua qualidade sobre-humana e, por outro, inferior a ele, devido a sua insensatez inconsciente. Nem está à altura do animal devido à sua notável falta de instinto e desajeitamento. Estes defeitos caracterizam sua natureza *humana*, a qual se adapta às condições do ambiente mais dificilmente do que um animal. Em compensação, porém, candidata-se a um desenvolvimento da consciência muito superior, isto é, possui um desejo considerável de aprender, o qual também é devidamente ressaltado pelo mito (Jung, 2014, OC VOL 9/1, § 473)

Além da qualidade zombeteira, o “*trickster*” é um ser originário; quando atribuído ou identificado a uma cultura, como a brasileira, indica que essa cultura talvez ainda esteja num momento indiferenciado. Não seria o caso de forçá-la a uma diferenciação, mas de tomar consciência sobre isso, de identificar seus aspectos mais característicos e elaborá-los em formas culturais. Oswald de Andrade, com sua perspectiva “antropofágica” talvez tenha sido o que mais se aproximou dessa visão.

Basicamente, o “malandro” é aquele que age em benefício próprio, procura tirar vantagem para si mesmo segundo o que a situação permite. São características que podemos vislumbrar, por exemplo, numa campanha publicitária de cigarros, um tanto controversa, no decorrer da década de 1980. O meia-atacante da seleção brasileira, Gerson, dizia a respeito de uma marca de cigarros: “Por que pagar mais caro se o Vila me dá tudo aquilo que eu quero de um bom cigarro? Gosto de levar vantagem em tudo, certo? Leve vantagem você também, leve Vila Rica!”. Há um jogo de ideias implícito na expressão “levar vantagem”: no contexto futebolístico, significa “sair na frente”, “ultrapassar”, “conseguir driblar o adversário”; contudo, a expressão também remete ao comportamento típico do brasileiro, conforme a expressão popular “dar o seu jeitinho”.

Isso sugere uma dificuldade em assumir e lidar com certos tipos de compromissos e responsabilidades. Prefere-se “dar um jeitinho” para não ter que lidar com uma situação desagradável, tediosa, que gera dificuldades. Se por um lado é uma característica que se manifesta em personagens carismáticos, como a lenda do Saci-Pererê, do “malandro do samba”, ou, ainda, do Macunaíma, cujas primeiras palavras foram “Ai, que preguiça!...”, de outro pode assumir um lado perigoso e irromper em manifestações coletivas autoritárias, a exemplo do grupo de golpistas que,

vestindo a camiseta da seleção brasileira de futebol, empunhando bandeiras do Brasil, invadiram o Congresso Nacional em 08 de janeiro de 2023, contrariando todo um processo democrático que elegeu um novo presidente. Ou seja, o “dar um jeitinho” aparece em pequenos atos de esperteza e até graça; ou imorais, como furar a fila numa padaria, e ganhar dimensões maiores, como burlar o sistema de vacinação durante uma pandemia, até ações que afetam toda a vida política e social do país.

Quando Jung pergunta: “será que, como participantes e contemporâneos de um acontecimento inaudito, temos condições efetivas de formar um juízo sereno e enxergar com clareza nesse indescritível caos político e ideológico (...) dos nossos dias?” (JUNG, OC VOL 16/1, § 212, 2022), o contexto em que se insere é o ano de 1941, ou seja, em plena Segunda Guerra Mundial e ascensão do nazi-fascismo na Europa. Quando recolocada quase cem anos depois, mudando-se do continente europeu para o sul-americano e enfocando em um país como o Brasil, a resposta que o próprio Jung deu à sua pergunta ainda é válida: se permanecermos indiferentes ao “caos político ideológico” contemporâneo, provavelmente

(...) estejamos contrariando a essência da psicoterapia, que, afinal de contas, é ‘tratamento da alma’. Ao conceito de ‘psicoterapia’ inere uma enorme exigência, qualquer que seja o âmbito a que a circunscrevamos, posto que a *alma* é a matriz de toda ação, e, conseqüentemente, de todos os acontecimentos determinados pela vontade dos homens (JUNG, OC VOL 16/1, § 212, 2022)

A terapêutica junguiana, nesse sentido, é um gesto de amor. Retomando Ortega y Gasset:

Aquilo que dizemos amar se nos apresenta como algo imprescindível. Imprescindível! Quer dizer, não podemos viver sem ele, não podemos admitir uma vida na qual existíssemos e o amado não – consideramo-lo parte de nós mesmos. **Há no amor, por conseguinte, uma ampliação da individualidade que absorve outras coisas, que as funde conosco.** Esse vínculo e compenetração faz com que nos interiorizemos profundamente nas propriedades do amado (ORTEGA Y GASSET, 2019, p. 16, grifo nosso)

Lida numa perspectiva junguiana, a passagem significa que a terapêutica procura integrar o indivíduo consigo mesmo, assim como integrar o indivíduo com o seu *espírito de época*. É um processo de reconexão consigo mesmo e com o mundo, o que não implica, obrigatoriamente, uma concordância. “O homem rende ao máximo de sua capacidade quando adquire plena consciência de suas circunstâncias. Através delas ele se comunica com o universo” (ORTEGA Y GASSET, 2019, p. 26).

Em síntese: é justamente nos tempos de “caos político e ideológico” que a terapêutica se faz ainda mais necessária; é nesses tempos que o analista precisa ampliar seu horizonte simbólico e compreender o tempo em que vive, visto que os eventos da humanidade têm como matriz a *alma* humana. Se a *alma* não for tratada, se não for aprimorada conforme o tempo em que vive, se não for amada e reconectada ao indivíduo e ao seu tempo, eventos como o 08 de janeiro de 2023 continuarão persistindo.

### **Referências bibliográficas:**

JUNG, Carl Gustav. *A prática da psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 2022

\_\_\_\_\_. “Psicologia da figura do ‘trickster’”. In: *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, Petrópolis: Vozes, 2014

\_\_\_\_\_. *O espírito na arte e na ciência*. Petrópolis: Vozes, 2013

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

ORTEGA Y GASSET, José. *Meditações do Quixote*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019

VON FRANZ, Marie-Louise. *Psicoterapia*. São Paulo: Paulus, 2021